



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE LETRAS

KILDARE ROSSANO DOS SANTOS SILVA

**INTERNACIONALIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR E
MOBILIDADE ESTUDANTIL: UMA REFLEXÃO SOBRE A
IMPORTÂNCIA DO ACOLHIMENTO CULTURAL A ESTUDANTES
ESTRANGEIROS.**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em
Licenciatura Plena em Letras Português e Espanhol.
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Orientadora: Profa. Dra. Flávia Farias de Oliveira

Recife, 2022

RESUMO

Neste estudo, nosso objetivo é refletir acerca da importância do acolhimento cultural aos estudantes estrangeiros e, a partir dessa reflexão, como podemos aprimorar nossas práticas de receptividade e acolhida ao alunado em questão. O estudo foi idealizado a partir de observações/percepções acerca das vivências culturais durante uma prática de docência do curso de Português Língua Estrangeira (PLE), numa cooperação entre Núcleo de Internacionalização (NINTER) e Núcleo de Idiomas (NID) da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Como fundamentação do objeto aqui estudado, é apresentado um apanhado teórico acerca da concepção de língua como meio de interação e sua relação com a cultura, finalizando com algumas questões a refletirmos a fim de aprimorar nossas práticas de acolhimento.

Palavras-chave: Internacionalização; Mobilidade; Estudantes Estrangeiros; Acolhimento Cultural.

RESUMEN

En este estudio, nuestro objetivo es reflexionar sobre la importancia de la acogida cultural a los estudiantes extranjeros y, a través de esta reflexión, cómo podemos mejorar nuestras prácticas de receptividad del alumnado en cuestión. El estudio ha sido idealizado a partir de observaciones/percepciones respecto de las vivencias culturales durante la práctica de docencia del curso de Portugués Lengua Extranjera, en una cooperación entre el *Núcleo de Internacionalização* (NINTER) y el *Núcleo de Idiomas* (NID) de la Universidad Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Como fundamentación del objeto aquí estudiado, se presentan teorías acerca de la concepción de lengua como medio de interacción y su relación con la cultura, finalizando con algunas cuestiones para reflexionar con la finalidad de perfeccionar nuestras prácticas de acogida.

Palabras clave: Internacionalización; Movilidad; Estudiantes Extranjeros; Acogida Cultural.

INTRODUÇÃO

As relações socioeconômicas e culturais, em níveis globais, têm contribuído de forma expressiva para os programas de internacionalização do ensino superior frente à necessidade de formação de profissionais num contexto multinacionalizado, com foco na aquisição e troca de conhecimento. Tais programas fortalecem a inclusão de instituições no desenvolvimento da educação internacionalizada, tema que cria, portanto, várias demandas de cunho acadêmico-burocrático e cultural.

Nessa conjuntura, as instituições de ensino superior (IES) ganham amplitude ao inserir os estudantes e docentes no contexto internacional de ensino, promovendo o alcance da integração de áreas, o plurilinguismo e a diversidade cultural da educação superior. Portanto, para suprir essa demanda, nossas instituições precisam contar com diretrizes que venham a promover parcerias, seja através do envio dos nossos estudantes e docentes ou pelo acolhimento aos estrangeiros, além de também promover a criação de programas para desenvolvimento de políticas públicas que visem o trabalho colaborativo para a mobilidade entre as instituições.

No que diz respeito à mobilidade, vale ressaltar que esse processo não somente é constituído pela recepção dos estudantes e por uma cooperação acadêmico-burocrática, envolvendo os fatores de ensino-aprendizagem, pesquisa e extensão, como também pelas nuances da interculturalidade, já que os estudantes se encontram em um contexto de imersão, sendo então necessária uma promoção cultural, tendo em vista o desenvolvimento social dos mesmos.

Diante da importância e necessidade dos alunos estrangeiros de aprender o idioma do contexto de imersão e encarando o ensino de português língua estrangeira como uma maneira de acolhimento aos nossos alunos, podemos, então, nos fundamentar na concepção de língua como lugar de interação social e, a partir de práticas sob a perspectiva intercultural de aprendizagem, promover uma inclusão cultural aos estudantes estrangeiros,

tema que tem muita relevância no que diz respeito à relação entre a vivência sociocultural em suas interações e o desempenho acadêmico dos estudantes.

É sob a perspectiva da importância da acolhida cultural aos estudantes em mobilidade que gostaríamos, como principal objetivo deste estudo, de refletir sobre a relevância das vivências culturais dos estudantes em contexto imersivo. Esta reflexão, portanto, foi idealizada a partir de observações/percepções durante a prática de docência com três turmas, no decorrer de três semestres letivos, do curso de Português Língua Estrangeira (doravante, PLE), do Núcleo de Idiomas (NID) e do Núcleo de Internacionalização (NINTER), da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).

Nessa perspectiva, o presente trabalho propõe, inicialmente, fazer uma breve explanação acerca de alguns aspectos da internacionalização da IES em questão, assim como sobre as observações/percepções durante a prática de docência, logo depois, fazer um apanhado sobre língua, cultura e interculturalidade diante do contexto de imersão e, em seguida, apresentar observações para refletirmos a respeito da importância da acolhida aos estudantes, finalizando então, com algumas propostas para pensarmos a aplicabilidade no que se refere à melhoria das nossas práticas de acolhimento ao alunado estrangeiro, transpassando o viés burocrático e cultural.

A INTERNACIONALIZAÇÃO NA UFRPE

Sabemos que as cooperações internacionais estão presentes em várias modalidades da educação, e no que diz respeito ao ensino superior temos, como exemplo aqui no Brasil, o Programa Institucional de Internacionalização (PRINT), criado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), que dentre seus objetivos, visa a “fomentar a construção, a implementação e a consolidação de planos estratégico de internacionalização das instituições” (UFRPE, 2022).

E sobre a internacionalização do ensino superior, Knight (2004) define como “o processo de integração de uma dimensão internacional, intercultural ou global na finalidade, nas funções ou na oferta de instituições e sistemas de educação pós-secundária” (KNIGHT, 2004, p.11). E se pensarmos a partir do exposto pela autora, é apropriado relacionarmos a ideia de finalidade de integração de dimensão intercultural à reflexão proposta neste estudo, já que se trata de uma acolhida que visa o desenvolvimento sociocultural dos estudantes.

Em sua publicação do Plano de Implantação de uma Política de Internacionalização de 2018 a 2022, a UFRPE apresenta sua compreensão quanto ao processo de internacionalização, e diz que tal processo “vai além do dimensionamento da Universidade a nível internacional, atingindo os aspectos culturais, acadêmicos, de investigação científica, extensão, bem como o processo de oferta de serviços da Universidade.” (UFRPE, 2017). Mais uma vez, a partir da compreensão apresentada, nos deparamos com os aspectos culturais atrelados ao processo de internacionalização, fato que intensifica ainda mais a relevância do objeto deste estudo - a reflexão sobre a importância do acolhimento cultural aos nossos estudantes estrangeiros.

Foi diante da necessidade de unificar ações de cunho cooperativo, estabelecer parcerias com instituições no exterior e proporcionar ao alunado a oportunidade de fortalecer seu desempenho acadêmico e suas vivências culturais, que a Universidade Federal Rural de Pernambuco criou em 2007 a Assessoria de Cooperação Internacional (ACI), e que, a partir de 2020, constituiu-se como Núcleo de Internacionalização (NINTER). Em sua página da web, a UFRPE nos dispõe as finalidades do NINTER, que dentre elas estão: fomentar a internacionalização da instituição, seja através da representação da Universidade em comitês, reuniões e eventos dentro e fora do país; divulgar e promover a conscientização sobre a importância da cooperação internacional; assessorar acordos vigentes e elaborar novos convênios; assessorar estudantes e docentes em mobilidade; veicular informações quanto às oportunidades acadêmicas internacionais, entre outras ações.

Além do NINTER, há o Núcleo de Idiomas (NID), que como a ACI, também foi criado em 2007, sendo parte do Departamento de Letras (DL) e que tem como objetivo ofertar cursos de línguas, gratuitamente, para toda comunidade acadêmica. O NID foi idealizado diante da necessidade dos alunos de aprenderem outros idiomas, sejam estudantes brasileiros quanto à aprendizagem de línguas estrangeiras, seja o alunado estrangeiro quanto ao aprendizado da língua portuguesa. Além das práticas já citadas, o NID proporciona a prática de docência aos estudantes do curso de Licenciatura em Letras, através dos programas de monitoria, assim como a oferta de exames de proficiência aos estudantes dos programas de pós-graduação. Sendo assim, como uma das medidas para contribuir com o programa de internacionalização, a UFRPE conta com esses dois núcleos, que funcionam numa parceria colaborativa, estando cada um com suas finalidades específicas, mas em prol de um objetivo em comum, as cooperações internacionais.

Nesse cenário, é adequado afirmar que as ações conjuntas entre o NINTER e o NID são fundamentais para o processo de acolhimento aos estudantes estrangeiros, pois a partir das ações desses núcleos, os estudantes podem contar com uma assistência tanto burocrática, quanto ao que concerne ao desenvolvimento linguístico-discursivo e cultural.

AS OBSERVAÇÕES NA PRÁTICA DE DOCÊNCIA.

Sabemos que a efetividade das ações do NID e NINTER é fundamental à acolhida do alunado estrangeiro e, no tocante ao desenvolvimento linguístico-discursivo e cultural, o curso de PLE se torna uma medida necessária para o alcançarmos.

Como já citado previamente, entendemos o ensino de PLE como uma maneira de acolhermos nossos alunos estrangeiros, já que esses se encontram em situação de imersão e é real a necessidade da aquisição da língua, não somente por suas demandas acadêmicas, como principalmente por seu desenvolvimento social nesse novo espaço e nessa nova cultura. E

exatamente por considerar a língua como um lugar de interação social, que é cabível reafirmar a importância do ensino sob uma perspectiva intercultural.

Foi na conjuntura da prática de docência do PLE, e por considerar as interações sociais e vivências culturais essenciais, que se iniciaram as observações para este estudo, com quatro turmas e no decorrer de quatro semestres letivos. As turmas eram formadas por estudantes de nacionalidades diversas, em sua maioria hispanofalantes, e as ofertas dos cursos foram pensadas tanto a partir da perspectiva de leitura e produção textual sob o viés acadêmico, tendo em vista o desenvolvimento da escrita e leitura academicistas diante das demandas oriundas das aulas na universidade, como também sob a perspectiva dos aspectos culturais, a partir de práticas em uma abordagem intercultural, com a finalidade de mediar uma inclusão cultural aos estudantes estrangeiros, considerando, sobretudo, a importância do equilíbrio na relação entre as vivências socioculturais e as interações que estas proporcionam frente ao desempenho acadêmico dos estudantes.

Durante a prática de docência, que serviu como fonte de observações para esse estudo, foi possível perceber nos alunos uma carência de experiências de interação social, estando por muitas vezes o contexto da imersão reduzido às vivências no campus, estabelecendo uma condição entre casa e universidade, fato que reflete diretamente no desenvolvimento linguístico-discursivo dos alunos, levando em conta que somente o universo acadêmico não é suficiente para desenvolver os estudantes enquanto sujeitos sociais, que usam e necessitam da língua nos mais variados contextos de interação.

Já no que concerne, especificamente, às vivências culturais ao redor da cidade, e ao serem perguntados, os estudantes em sua maioria não tinham conhecimento nem vivenciado os aspectos da cultura local e os possíveis lugares que proporcionariam a eles a assimilação do espaço que se encontram imersos, em sua concretude e subjetividade, desde características estruturais até seus povos, costumes, tradições e modos de vida.

Para nos ajudar a ilustrar o elo entre língua e cultura, podemos trazer a afirmação de Moreira e Figueiredo (2012), que diz:

“A língua é um reflexo da cultura, pois, ao mesmo tempo em que a língua é uma parte da cultura, ela é também algo que a constitui.” (MOREIRA; FIGUEIREDO, 2012, p. 147)

Levando em consideração o que foi apresentado pelos autores, podemos reiterar a relação entre língua e cultura, e que aprender um idioma em contexto de imersão é uma condição que está diretamente ligada a tal relação, e foi convivendo com os estudantes estrangeiros durante a prática docente, que algumas situações foram observadas e, conseqüentemente, questionamentos passaram a ser levantados, dentre eles listam-se:

- Quais assistências estamos prestando aos nossos estudantes estrangeiros?
- Quais as dificuldades que nossos estudantes encontram durante a mobilidade?
- Quais medidas estamos tomando para diminuir as barreiras interacionistas dos nossos estudantes nessa situação de imersão?
- Existe um acompanhamento/assistência quanto às vivências desses estudantes para além do contexto acadêmico?
- Existe algum tipo de tutoria cultural, a fim de promover aos estudantes a assimilação do espaço em sua concretude e subjetividade?

Os questionamentos trazidos perpassam desde o contexto burocrático, no que se refere aos trâmites necessários à mobilidade, à vivência na universidade e às práticas estudantis, até às medidas adotadas para que se preste assistência para além da figura acadêmica, e sim aos estudantes enquanto sujeitos sociais, que se formam como indivíduos a partir das suas vivências interacionais. Entendemos que o cuidado, o suporte e as práticas de acolhida devem ser contínuas, proporcionando ao estudante sua autonomia, o sentimento de que, de fato, está sendo acolhido e, sobretudo, a confiança na IES por toda atenção durante a mobilidade.

Não podemos reduzir a relação entre a universidade e o estudante somente ao vínculo institucional que se estabelece nos programas de internacionalização, representado por um número de matrícula. Enquanto IES, devemos considerar todos os aspectos que transpassam primeiramente, a pessoa, o sujeito que se encontra em mobilidade, para depois, afunilar os cuidados ao âmbito acadêmico.

LÍNGUA, CULTURA E INTERCULTURALIDADE

Como proposto no texto introdutório deste estudo, faremos um breve apanhado sobre as concepções de língua e as relações desta com os aspectos culturais. Sobre o conceito de língua, sabemos que existem várias concepções, desde a ideia de língua como um sistema de signos e regras, uma estrutura que é independente de questões como espaço e contexto em que se encontra, caracterizando a concepção estruturalista, até o conceito de língua como um meio de interação, tendo em vista a relação de formação do sujeito a partir de suas interações sociodiscursivas.

Desde meados de 1970, iniciaram-se os estudos acerca da linguagem sob a perspectiva interacionista, abrindo então espaço para o ensino de língua com a oralidade, leitura e escrita dentro de um viés dialógico. Sobre a linguagem e os direcionamentos que têm transpassado seus estudos, Antunes (2003, p.41) nos apresenta duas tendências. A primeira, que diz respeito a “tendência centrada na língua enquanto sistema em potencial, enquanto conjunto abstrato de signos e de regras, desvinculado de suas condições de realizações”. Essa apresentação está relacionada à concepção de língua que citamos anteriormente, que perpassa o viés mais estruturalista. Já na segunda tendência apresentada pelo autor, temos a afirmação de que

uma tendência centrada na língua enquanto atuação social, enquanto atividade e interação verbal de dois ou mais interlocutores e, assim, enquanto sistema-em-função, vinculado, portanto, às circunstâncias concretas e diversificadas de sua atualização. (ANTUNES, 2003).

Neste estudo estamos dentro da segunda tendência trazida por Antunes e defendemos o conceito de língua como lugar de interação, como um produto da sociedade, que é mutável, que varia a partir do contexto que se insere e que está diretamente ligado ao seu uso. Dentro dessa perspectiva, vale mais uma vez ressaltar o objeto deste estudo - a reflexão sobre a importância do acolhimento cultural aos estudantes estrangeiros - relacionando então com o que nos trazem alguns estudiosos, tais como Koch, Travaglia, Figueiredo e Bakhtin , que nos apresentam suas concepções quanto à língua como atividade da atuação humana e a relações que se estabelecem no elo língua e cultura, nos ajudando a fundamentar ainda mais a relevância da reflexão aqui proposta.

Enquanto sujeitos e fazendo uso da língua, estamos, portanto, realizando ações, formando sentidos e agindo sobre o interlocutor dentro do contexto no qual estamos envolvidos no momento da interatividade. Essa forma de pensar corrobora com a concepção interacionista de linguagem trazida por Koch (2002), que resume em:

Aquela que encara a linguagem como atividade, como forma de ação, ação individual finalisticamente orientada; como lugar de interação que possibilita aos membros de uma sociedade a prática dos mais diversos tipos de atos, que vão exigir dos semelhantes reações e/ou comportamentos, levando ao estabelecimento de vínculos e compromissos anteriormente inexistentes. (KOCH,2000, p. 09)

Quando afirmamos, neste estudo, que assumimos e priorizamos a língua enquanto meio de interação, não queremos aqui descredibilizar a concepção da língua que tem como objeto o ensino de gramática, no entanto, a partir do aspecto interacionista, enxergamos a gramática como parte do uso da linguagem, através da qual o sujeito se apoiará para seguir as sequências estruturais da língua, concebendo assim seus discursos e formando os sentidos necessários à situação do uso. Quanto à gramática na concepção interacionista da linguagem, Travaglia (2009) postula:

Nessa concepção de gramática não há erro linguístico, mas a inadequação da variedade linguística utilizada em uma

determinada situação de interação comunicativa, por não haver entendimento das normas sociais de uso da língua(...) (TRAVAGLIA, 2009, p. 29)

Após o exposto por Koch, Travaglia e Antunes, torna-se apropriada a afirmação de que língua e cultura são indissociáveis, uma vez que a cultura nos constitui enquanto indivíduos em nossa comunidade, de fala e espaço e que a partir da nossa carga cultural formaremos nossos discursos e seus sentidos, adequando a variedade linguística para cada situação. Quanto à relação entre língua e cultura, Figueiredo (2009) afirma que:

É primordial compreendermos a importância da língua na nossa construção social e cultural. A língua pode expressar, encorpar e simbolizar a nossa realidade cultural. Quando a língua e a cultura são colocadas juntas, elas revelam ao mesmo tempo os valores e crenças dos sujeitos situados socialmente e historicamente em uma comunidade de fala. Podemos afirmar que a língua é como uma entidade sociointerativa que abrange a representação do patrimônio social e, da mesma forma, também reflete as relações de poder e dominação entre os membros de uma sociedade. (FIGUEIREDO, 2009).

Concordamos com Figueiredo quando afirma de que juntas, a língua e a cultura, revelam os valores e crenças de sujeitos sociais em sua comunidade de fala e é sob essa perspectiva que devemos considerar nossos estudantes, como indivíduos que são constituídos por seus valores, suas crenças e suas falas e que ao mesmo tempo constituem o outro em suas relações dialógicas, caracterizando uma relação mútua de formação social, de vivências reais. Essa conjuntura dialoga com a concepção de Bakhtin, quando afirma que “a palavra revela-se no momento de sua expressão, como produto da interação viva das forças sociais.” (Bakhtin, 2006, p. 66).

Considerando a noção de língua como interação viva, trazida por Bakhtin, e sabendo da importância das experiências que visam o desenvolvimento discursivo de estudantes estrangeiros, tomaremos a vivência cultural como ponto central da nossa discussão. Dessa forma, traremos

algumas considerações para melhor fundamentar a relevância nessa relação língua-cultura.

Hall (2016, p.20) em sua obra "*Cultura e Representação*", afirma que "cultura diz respeito à produção e ao intercâmbio de sentidos – o compartilhamento de significados – entre os membros de um grupo ou sociedade." Ainda nessa obra, o autor traz a concepção de que a cultura está envolvida em nossas práticas que carregam sentidos e que necessitam da interpretação significativa do outro, ou seja, necessitam do sentido para serem efetivas em suas "funções". A partir do que trouxe Hall, observa-se a relevância do sentido nas nossas relações sociodiscursivas, fato que para os alunos estrangeiros, se caso não tenham a mediação/assistência necessária ao desempenho na língua, torna-se mais difícil alcançar os sentidos em situações reais de uso.

Outra consideração que perpassa o tema cultural é a apresentada por Lima (1997), quando o autor retrata a questão do conhecimento cultural, referindo-se

ao conjunto (dinâmico) de conhecimentos que o ser humano acumula a partir do grupo a que pertence e a partir de suas experiências pessoais, principalmente no que diz respeito ao uso dos sistemas simbólicos em sua vida cotidiana. O conhecimento cultural está na origem das reações que a pessoa apresenta e na interpretação que faz das informações que recebe. Ele está na base dos processos interacionais e nas formas de ação espontaneamente elaboradas ou assumidas pelos indivíduos em sua vida cotidiana. Poderíamos dizer que o conhecimento cultural é o acervo disponível ao sujeito para elaboração de suas ações e pensamentos e para a construção de significados. (LIMA, 1997, p.16-7, apud PADILHA, 2004, p. 193)

Convém ressaltar que o postulado por Lima dialoga com o que trouxe Hall, tanto no que diz respeito à construção de sentidos, como quanto a encarar a língua como viva, que interage, que é cotidiana. Ainda sobre o que trouxe Lima, é importante pensarmos em medidas que visem a promover o "conhecimento cultural" aos nossos estudantes estrangeiros, a fim de

desenvolver seus acervos culturais que os ajudarão a elaborar suas ações, pensamentos e construir significados em língua portuguesa.

Continuando sobre as questões culturais, Kramersch (2017, p.139) afirma que sem a língua e outras simbologias, nossos hábitos, valores, crenças, costumes e tudo o que definimos como cultura seriam somente fatos observáveis e não fenômenos culturais, segundo a autora, para se considerar cultura é necessário que tenhamos significados, pois é a partir dos significados que constituímos a cultura. E, mais uma vez, temos exposta a questão dos sentidos/significados quanto à língua.

Diante do exposto por Hall, Lima e Kramersch, podemos afirmar que de fato é de extrema importância que os estudantes tenham uma assistência quanto à vivência social, para que possam através das suas interações, não somente construir sentidos em seus discursos, como também interpretar o discurso do outro. Com isso, é notório que precisamos de medidas que venham a acolher nossos alunos quanto à aquisição do idioma do contexto de imersão no qual se encontram.

Como citado anteriormente, encaramos o ensino de PLE como uma forma de acolhimento aos estudantes estrangeiros em mobilidade. Considerando o desenvolvimento das habilidades sociodiscursivas dos alunos em imersão, acreditamos na necessidade de uma abordagem intercultural no ensino de PLE, que promova comunicação e vivências culturais, criando um elo entre língua e cultura. E no que diz respeito à interculturalidade no ensino, podemos observar o que traz Mendes (2004), quanto à abordagem Comunicativa Intercultural.

[...] a força potencial que pretende orientar as ações de professores, alunos e de outros envolvidos no processo de ensino/aprendizagem de uma língua, materna ou estrangeira, o planejamento de cursos, a produção de materiais e a avaliação da aprendizagem, com o objetivo de promover a construção conjunta de significados para um diálogo entre culturas... portanto... orienta um modo de ser e de agir, de ensinar e de aprender, de produzir planejamentos e materiais culturalmente sensíveis aos sujeitos

participantes do processo de aprendizagem, em busca da construção de um diálogo intercultural (MENDES, 2008, p.60-61).

A partir do que diz a autora, convém refletirmos acerca das abordagens comunicativas que podemos utilizar com nossos alunos estrangeiros, partindo do princípio de que, enquanto educadores devemos ser sensíveis culturalmente, a ponto de proporcionar a interação, mediar a aquisição do idioma do contexto imersivo e, conseqüentemente, promover a construção de significados em suas situações dialógicas. Sobre a abordagem comunicativa intercultural, (MENDES, 2008) apresenta três concepções: a primeira que está relacionada à alteridade, ou seja, a relação entre como enxergamos o outro e o espaço que nos cerca; a segunda diz respeito à identidade, tratando-se da forma como agimos e como compartilhamos nossas experiências; e por fim a terceira concepção, que é a relação das duas anteriores e se refere a como nos comunicamos com o outro. Dentro do cenário das três concepções trazidas por Mendes, é relevante pensarmos em quais práticas serão adotadas para proporcionarmos aos nossos alunos a capacidade de enxergar esse novo espaço em que se encontram, de olhar para si com a finalidade de identificação com sua própria constituição cultural e por fim fazer a troca, o compartilhamento em suas vivências com o outro, com o que os cerca.

As concepções anteriormente trazidas por Mendes dialogam de forma expressiva com as considerações de Bakhtin, citadas por Faria (2009), no que diz respeito à alteridade, à identidade e à língua como o próprio lugar de interação, onde o sujeito é social, que se constitui e que constitui o outro em suas relações interativas. Sobre o exposto por Faria, podemos observar que

é um sujeito social, histórica e ideologicamente situado, que se constitui na interação com o outro. Eu sou na medida em que interajo com o outro. É o outro que dá a medida do que sou. A identidade se constrói nessa relação dinâmica com a alteridade. (BAKHTIN, apud Faria, 2009).

Diante do explicitado sobre as concepções de língua e sua relação intercultural, ressaltamos mais uma vez a importância em pontuar que o fato de considerarmos a concepção de língua como interação social, não se descarta

aqui a condição de que nossos estudantes estrangeiros também precisam de uma abordagem de aprendizagem mais estrutural da língua, tendo em vista suas demandas acadêmicas, que transpassam as habilidades de leitura e produção textual, sendo necessária uma perspectiva mais instrumental de ensino, focado na leitura e produção textual a nível acadêmico, caracterizados pelos gêneros estritamente formais da língua, em suas características estruturais.

AS PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO

Após todo o exposto quanto ao apanhado sobre as concepções de língua, cultura, interculturalidade e ao acessarmos o contexto das observações na prática de docência que resultaram na idealização do presente estudo, traremos em seguida algumas propostas de intervenção, para pesarmos a aplicabilidade no que se refere à melhoria das nossas práticas de acolhimento ao alunado estrangeiro, transpassando o viés burocrático, linguístico e cultural.

Entretanto, antes de trazermos as propostas de intervenção propriamente ditas, é de grande valia abordarmos a concepção de letramento trazida por Soares (2003) e de multiletramentos trazida por Rojo (2012), dialogando e fundamentando as práticas que serão apresentadas no decorrer deste tópico. Dentro da dimensão social de sujeito que faz uso da língua para interagir com o outro, sabemos que letrar-se socialmente não se reduz ao saber a estrutura da língua, e sim, a quando e como fazer uso dessas estruturas de acordo com cada situação vivenciada com o outro. Dentro desse cenário, Soares (2003) nos apresenta o conceito de letramento, e que segundo a autora

...o Letramento não é um atributo unicamente ou essencialmente pessoal, mas é, sobretudo, uma prática social. É o conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social. (SOARES, 2003 p. 72)

Nesta conjuntura, o letramento social está dentro de um cenário múltiplo, onde ocorrem situações diversas com sentidos diversos, tornando-se

necessária então, uma competência linguística do indivíduo ao encarar cada situação e ao construir seus sentidos dialógicos. Neste cenário de múltiplos sentidos, podemos observar a concepção trazida por Rojo, quanto aos multiletramentos, que diz:

dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes em nossas sociedades, principalmente urbanas, na contemporaneidade: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica. (ROJO, 2012 p. 13)

Exatamente por se tratar de práticas de acolhimento e levando em conta, não somente a multiplicidade cultural que está presente e que constitui a identidade dos estudantes estrangeiros, como também a multiplicidade semiótica dos textos, verbais e não verbais, que esses estudantes terão acesso na experiência imersiva, devemos nos preocupar em como se dá essa vivência diante de tais multiplicidades, a fim de mediar, da melhor forma a inclusão dos nossos alunos, seja em suas vivências acadêmicas, seja nas interações sociais. Dando continuidade com as considerações trazidas por Rojo e com a finalidade de justificar ainda mais as propostas que serão aqui apresentadas, torna-se relevante ressaltar a proposição citada pela autora, no que se refere à multiplicidade de culturas, temos então:

o que hoje vemos à nossa volta são produções culturais letradas em efetiva circulação social, como um conjunto de textos híbridos de diferentes letramentos (vernaculares e dominantes), de diferentes campos (ditos “popular/de massa/erudito”), desde sempre, híbridos, caracterizados por um processo de escolha pessoal e política e de hibridização de produções de diferentes “coleções”. CANCLINI (2008[1989]: 302 - 309, apud ROJO 2012, p.13)

A partir do exposto na citação anterior, é fundamental considerarmos o fato das produções híbridas, culturais e textuais, em efetiva circulação social, tendo em vista a preparação dos nossos estudantes a partir da ideia de desenvolver práticas de letramento social para essa nova cultura, esse novo espaço e para as novas formas de leitura que atravessarão suas vivências na situação de imersão. É sobre torná-los competentes linguisticamente a partir

das suas interações, a fim de usar a língua nas mais diversas situações, levando em conta, principalmente, a multimodalidade dos textos contemporâneos, ou seja, textos que abarcam muitas linguagens, que exigem competências e práticas de compreensão e produção de cada uma delas, para se fazer significar.

Após o breve apanhado, quanto aos (multi)letramentos, apresentado neste tópico e mais uma vez ressaltando o nosso objeto de estudo - a reflexão sobre a importância do acolhimento cultural ao estudante estrangeiro - traremos, finalmente, as propostas de intervenção que foram pensadas justamente pela necessidade de mediar o processo de letramento social e inclusão cultural dos estudantes em questão. Dessa forma, a fim de aprimorar nossa recepção e relação com o alunado em mobilidade, deixamos aqui três propostas de intervenção.

A primeira proposta refere-se à criação do Manual do Estudante Estrangeiro. Através deste manual, o estudante, ao ser recebido, terá acesso ao corpo institucional/estrutural da universidade. Entendemos esse acesso a partir da perspectiva norteadora ao estudante, ou seja, o manual constará da apresentação institucional, do mapa do campus, com o propósito de situá-los quanto aos departamentos e coordenações existentes, dos espaços de interação, das assistências disponíveis, dos programas esportivos, do restaurante universitário, das bibliotecas, do departamento de qualidade de vida, dos telefones e e-mails úteis e de todos os outros aspectos necessários à recepção do alunado. Dessa forma, não somente contribuímos com a receptividade, como também proporcionamos aos estudantes a autonomia necessária ao seu deslocamento ao redor do campus, facilitando assim sua integração com o espaço no qual eles terão sua vivência acadêmica.

Com a finalidade de promover uma imersão nos aspectos da cultura local, a segunda proposta diz respeito à elaboração de um Livreto Cultural. Neste livreto, os alunos terão conhecimento dos aspectos que transpassam a cultura Recifense/Pernambucana. Como já discutido, sabemos que língua e cultura são indissociáveis, e nesse sentido, a proposta da criação do livreto corrobora com algumas considerações trazidas anteriormente neste estudo, a

de Lima (1997), a de Bakhtin (apud Faria, 2009) e a de Kramersch (2017), que em suma postulam a ideia do acúmulo de conhecimentos do ser humano a partir do grupo no qual se encontra, estando o conhecimento cultural na origem das relações que apresentamos e na interpretação do que nos é apresentado, contribuindo para a concepção de alteridade, pela qual nos identificamos com nossa própria cultura e enxergamos a cultura do outro e que sem a língua e outras simbologias, nossos hábitos, crenças e costumes seriam apenas fatos observáveis, sem significados.

Ainda sobre o livreto e reafirmando a finalidade da imersão cultural, nesta proposta o objetivo é trazer os aspectos culturais, desde a musicalidade, a gastronomia, a poesia, os costumes e tradições, até as dimensões mais geográficas/espaciais, como os mercados e parques públicos, os museus, as igrejas, os pontos turísticos e os lugares/eventos que possibilitem a integração com a cidade, proporcionando, portanto, uma perspectiva acerca dos nossos aspectos socioculturais.

A última proposta, e não menos importante, refere-se a um tipo de complemento ao Livreto Cultural. Nesta terceira sugestão, a ideia é que se crie um programa de tutoria voluntária, a fim de acompanhar os alunos estrangeiros em programações culturais. Tendo então sua finalidade atrelada à prática propriamente dita da mediação cultural. Neste sentido, estudantes brasileiros estariam como monitores/tutores e que a partir de roteiros previamente elaborados, acompanhariam os alunos estrangeiros ao redor da cidade, apresentando-lhes e contribuindo para o processo de uma imersão guiada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enquanto estrangeiro e estando em situação de imersão, sabemos que naturalmente há uma fase inicial de adaptação e que geralmente encaramos as adversidades da sociabilização, seja por barreiras culturais, do idioma ou até mesmo por questões individuais, dificuldades que após algum tempo tornam-se mais amenas, passando a ser mais fácil socializar devido às interações que aos poucos vão sendo vivenciadas. Nesta conjuntura, este estudo teve como

objeto a reflexão sobre a importância do acolhimento cultural aos estudantes estrangeiros, sendo idealizado a partir das observações/percepções durante a prática de docência e, a partir da discussão acerca das concepções de língua e da díade “língua e cultura” aqui apresentadas, é notória a necessidade de intervenções que visem a promover uma melhor receptividade e acolhida ao alunado em questão, com a finalidade de desenvolvimento da competência linguística, no que diz respeito à construção dos sentidos nas suas interações dialógicas.

Dessa forma, e para encerrar nossa discussão, evidenciamos mais uma vez a necessidade de que possamos juntos refletir e aprimorar de forma efetiva nossa receptividade e atenção continuada, seja no que tange aos trâmites burocráticos e, sobretudo, quanto ao processo de inclusão cultural.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo:Parábola, 2003

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 9. ed. São Paulo: Hucitec Annablume, 2002.

FARIA, R. C. B. **Letramento com efetiva prática social**. Universidade Cândido Mendes. Curso de Pós-graduação em Orientação Educacional e Pedagógica. Rio de Janeiro. 2009.

FIGUEIREDO, C. J. **A produção de materiais didáticos para o ensino de língua inglesa como LE no ciclo 2 a partir de uma abordagem intercultural**. SILEL. *Anais...* V. 1. Uberlândia: EDUFU, 2009.

HALL, S. **Cultura e Representação**; Organização e Revisão: Arthur Ituassu; Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira, - Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

KNIGHT, J. **Internationalization remodeled: Definitions, rationales, and approaches**. *Journal for Studies in International Education*, 8(1), 5-31. Doi: 10.1177/1028315303260832. 2004.

KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**.5. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

KRAMSCH, C. **Cultura no ensino de língua estrangeira**. *Bakhtiniana*, São Paulo, 12 (3): 134-152, Set./Dez. 2017 (Texto em inglês: Culture in Foreign Language Teaching: http://www.urmia.ac.ir/sites/www.urmia.ac.ir/files/Article%204_1.pdf)

MENDES, E. **Abordagem comunicativa intercultural: uma proposta para ensinar e aprender língua no diálogo de culturas**. 2004. 316f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada)-Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

MOREIRA, T. A. S.; FIGUEREDO, C. J. **A Importância do Componente Intercultural na Prática Docente de Línguas Estrangeiras.** Gláuks v. 12 n. 1. p. 147-168, 2012.

PADILHA, P. R. **Currículo intertranscultural: novos itinerários para a educação.** São Paulo: Cortez, Instituto Paulo Freire, 2003.

ROJO, R. H. R. **Multiletramentos na escola** / Roxane Rojo, Eduardo Moura [orgs.]. - São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SOARES, Sonia Becker. **Letramento: Um Tema em Três Gêneros.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e Interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus.**São Paulo: Cortez, 1998.

UFRPE. **Institucional.** Fonte disponível em: <http://www.aci.ufrpe.br/br/institucional-0> Acesso em 19/05/2022. Acesso em 19/05/2022.

UFRPE. **Internacionalização.** Fonte disponível em: <http://www.ufrpe.br/br/content/internacionaliza%C3%A7%C3%A3o> Acesso em 19/05/2022.

UFRPE. **Plano de Implantação de uma política de internacionalização na Universidade Federal Rural de Pernambuco 2018 a 2022.** Recife, 2017. Fonte disponível em: <http://print.ufrpe.br/sites/default/files/Projeto%20de%20Internacionaliza%C3%A7%C3%A3o%20da%20UFRPE%202018.pdf> Acesso em 19/05/2022.